

MEMÓRIA E EXALTAÇÃO DA VIDA NO CEMITÉRIO MONUMENTAL

*MEMORY AND EXALTATION LIFE IN CEMETERY MONUMENTAL*BARBARA THOMPSON¹

Recebido em: 17/07/2014

Aprovado em: 15/12/2014

[...] se vê uma Constantinopla complicada com barroco, gótico e cenário de ópera. É o cemitério.

João Cabral de Melo Neto

RESUMO

O cemitério é compreendido como um lugar que evoca e fortalece a memória de um grupo. Tendo isso em vista, esta pesquisa busca compreender como os monumentos tumulares do cemitério de Santo Antônio, localizado na cidade de Vitória, Espírito Santo, contribuem para a construção da memória social, o que é relevante uma vez que o cemitério do tipo monumental está gradativamente desaparecendo. Ao estudar os significados e sentidos dos monumentos funerários, será possível visualizar como o morto é lembrado e quais valores sociais são enfatizados no ato da recordação. Para isso, foram feitas observações de campo no cemitério, especialmente no dia dois de novembro, mas também em outros momentos que não configuram uma comemoração cultural fixada no calendário. Deve-se ressaltar, ainda, que os funcionários do cemitério foram entrevistados. A sociedade, ao construir o cemitério, promove uma negação da morte, por meio da imortalidade simbólica.

Palavras-chaves: Memória social; Cemitério monumental; Símbolos; Antropologia da arte.

ABSTRACT

The cemetery is understood as being a place that evokes and strengthens the memory of a group. Thus, this research seeks to understand how the tombstones cemetery monuments Santo Antonio located in Vitória, ES contribute to the construction of social memory. It is important to study why the monumental cemetery type is gradually disappearing. By studying the significance and meanings of funerary monuments, you can see how the dead are remembered and social values which are emphasized in the act of remembrance. Field observations took place in the cemetery, especially on Day Two November. Moreover, visitations were held at times other than do not constitute a cultural celebration set in the timetable. It should be noted that employees of the cemetery were interviewed. The society promotes the cemetery to build a denial of death through symbolic immortality.

Keywords: Social memory; Monumental cemetery; Symbols; Anthropology of art.

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Brasil. E-mail: barbara.tho@hotmail.com.

1 Introdução

O cemitério monumental é um lugar que, desde sua origem, atraiu olhares: olhos curiosos, olhos que desprezavam a dramaticidade da estética barroca, olhos piedosos, olhos de admiração e olhos de tristeza e saudade. São diversos olhares, formas de ver e de sentir o mesmo ambiente, que se entrelaçam a partir do momento em que todas as pessoas fazem a mesma ação – olham o cemitério. A palavra cemitério, do latim *cemeterium* ou *coemiterium*, origem é oriunda do grego *koimetérion*, que designava um dormitório, ou seja, lugar para dormir. Tal conceituação significa para os cristãos que os mortos dormem e que acordarão na ressurreição. Dessa forma, as palavras latinas *cemeterium* ou *coemiterium*, que expressam enterramento definitivo, não se relacionam com o cemitério (NEVES, 2001).

O espaço do cemitério tem por função atrair a visita das pessoas. Essa afirmação pode ser sustentada pelos estudos do historiador Ariès (1977) em que apresenta a análise sobre a consolidação dos cemitérios monumentais devido ao fato de ter um grupo de pessoas que deseja orar pelos seus mortos e realizar atividades do dia a dia no cemitério, como, por exemplo, passear. Os estudos de Motta (2010) também destacam o cemitério como espaço de socialização, especialmente do ascendente grupo burguês durante o século XIX. Os túmulos suntuosos somente justificam sua existência quando uma pessoa vê sua grandiosidade.

O cemitério é construído tanto para os vivos como para os mortos. Para os vivos, existe pois são estes que irão percorrer as alamedas e, ao visualizarem um mausoléu, por exemplo, vão lembrar uma família e seu poder. Já para os mortos, existe porque, quando os vivos visitam esse lugar, a alma do morto é lembrada e cuidada e, além disso, toda a glória conquistada em vida é mantida para sempre no monumento.

O termo monumento deriva do la-

tim *monere*, um verbo que significa fazer recordar ou solicitar atenção. Assim, caracteriza-se como “uma atenção solicitada, um pensamento virado para o passado, mas também uma advertência para o futuro, uma munição para o esquecimento”.²

O cemitério é mais visitado em dois contextos: no dia dois de novembro e no funeral. Durante o ano, as pessoas realizam visitas também, mas normalmente desenvolvem as mesmas ações realizadas no dia dos mortos, definido pelo calendário. Portanto, as visitas que acontecem fora do dia dois de novembro se enquadram no mesmo contexto do ritual aos mortos. Ao observar o comportamento que os visitantes estabelecem com os símbolos funerários, é possível entender os sentidos existentes nesses símbolos.

Inicia-se este estudo a partir da seguinte premissa: os cemitérios do tipo parque e jardim estão crescendo e que não é mais notável a abertura e instalação de novos cemitérios monumentais. Rodrigues (1983), Ariès (1977) e Koury (2001) discorrem sobre essa transição dos modelos de cemitérios. Ademais, consta-se, por meio de pesquisa bibliográfica, um crescente desenvolvimento de monografias e teses da área de educação ambiental que defendem a construção de cemitérios verticais. Esses trabalhos são recentes e buscam claramente gerar argumentos científicos para a valorização de um novo modelo de cemitério. Dentre esses trabalhos, pode-se citar e de Palmas e Silveira (2010). Diante disso, é preciso analisar se há, de fato, um processo de simplificação tumular, ou seja, de redução do uso de monumentos.

Antônio Motta (2009), no ensaio “Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros”, afirma que, nas sociedades do ocidente, é comum manter algo que lembre o morto, seja por meio dos monumentos tumulares que enfatizam mais a lembrança da pessoa ou dos cemitérios verticais ou jardins. Nos cemitérios jardins, é possível identificar somente o local do corpo e o nome da pessoa.

² Fonte: Foto produzida pela autora deste artigo.

Os objetos a serem analisados neste artigo são: o espaço do cemitério, as formas tumulares e os símbolos de mais destaque, isto é, os que são maiores e que se localizam nos túmulos mais antigos e nos mais recentes. O cemitério escolhido chama-se Santo Antônio e localiza-se no município de Vitória, Espírito Santo, sendo público e o mais antigo da cidade. O objetivo principal deste trabalho consiste em analisar a memória social com base nos simbolismos da arte cemiterial a fim de compreender os valores sociais vigentes que são celebrados e reafirmados nesse objeto de estudo.

Os vivos têm medo de serem esquecidos após a morte, motivo pelo qual Motta (2009) discorre sobre os cemitérios como lugar de memórias residuais. Tendo em vista que o cemitério monumental não continua se desenvolvendo, o autor lança a seguinte pergunta: “É possível conservar a lembrança de alguém sem um signo material referente à sua existência ou sem a memória de objetos que o evoquem?” (MOTTA, 2009, p. 86). E prossegue suas indagações: Há várias formas de se recordar. Um álbum de fotos, um eventual objeto de estimação herdado, um *souvenir* de viagem, uma música, um livro, uns aromas não seriam também capazes de evocar a lembrança de alguém desaparecido e, ao seu modo, render-lhe homenagem? (MOTTA, 2009, p. 86).

Originam-se, então, as seguintes perguntas: como seria possível lembrar-se do morto sem os objetos funerários? Uma foto conseguiria estimular o mesmo tipo de recordação que o cemitério gera? Diante disso, as problemáticas deste trabalho são entender como os símbolos dos tumulares constroem e expressam a memória coletiva e analisar se houve uma modificação na arte tumular no interior do cemitério de Santo Antônio. Se, de fato, ocorreu uma mudança significativa, será necessário realizar uma investigação sobre o que mudou, como mudou e por que mudou. Para investigar

o motivo da mudança, será necessário entender quais foram as transformações sociais que influenciaram na alteração das formas tumulares, ou seja, como a arquitetura dos cemitérios traduz as modificações do pensamento religioso, ambiental e político de um grupo social.

Este trabalho irá partir das expressões “memória” e “lugares de memória” para explicar o espaço cemiterial. O cemitério será apresentado como um lugar de expressão sociocultural, onde se encontra a memória coletiva e parte dos fatos relevantes acontecidos na cidade. Assim, será necessário mostrar como essa memória sobre o morto é construída, de que forma o indivíduo falecido é lembrado e quais sentidos e ideias são utilizadas nesse processo. Espera-se, então, pesquisar o que os símbolos tumulares dizem a respeito do morto, ou seja, como os monumentos funerários (epitáfios, fotografias e outros símbolos) possibilitam a lembrança do morto.

Este trabalho é relevante, pois analisará os estilos mortuários dos cemitérios e possibilitará, desse modo, a compreensão de pensamentos sociais já extintos. Além disso, como parte do trabalho irá abordar o século XX, isto é, uma sociedade que se modificou, acredita-se que nos cemitérios será possível encontrar características do pensamento social dessa época passada. Assim, formas de pensar não mais existentes no presente poderão ser evidenciadas, ressaltando sua importância para a construção da sociedade atual.

Dessa forma, será possível compreender a “evolução”, isto é, sequência em que ocorreram os processos sociais de dada sociedade. Portanto, o estudo acerca do cemitério, que possui um rico e complexo acervo de arte, história e memória, promoverá o conhecimento da história da cidade.

2 Referencial teórico

Os autores utilizados como referencial teórico sobre a memória são

Pollak (1992 e 1989), Nora (1993), Augé (1994) e Le Goff (1990). Já para discorrer sobre a história da morte no ocidente será utilizado Ariès (1977).

Pollak (1992) evidencia os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva: os acontecimentos que a pessoa vivenciou pessoalmente e/ou os acontecimentos vividos pelo grupo ao qual a pessoa sente que pertence. Neste último caso, a pessoa não participou do evento ou não esteve presente, mas outros que estão próximos a ela participaram. Desse modo, Pollak (1992) afirma que ocorre uma identificação com determinado passado, como se fosse uma memória herdada, uma vez que esse passado não se refere apenas à vida física da pessoa, mas antecede a vida desta pessoa. Quanto à memória pública, podem existir lugares que atuam como apoio dessa memória, que são os lugares de comemoração, como, por exemplo, os monumentos dedicados aos mortos, os quais constituem uma relembração de uma época que a pessoa viveu ou de um período vivido por um grupo. O sentimento de identidade individual e coletiva é constituído por vários elementos; um deles é a memória. A identidade é construída em referência aos outros, de acordo com os critérios de aceitabilidade e credibilidade que estes estabelecem.

Outros conceitos relativos ao tema são apresentados por Pierre Nora (1993), um historiador contemporâneo de destaque no estudo da memória e identidade francesa. Esse autor criou a expressão lugares de memória, os quais são caracterizados como restos e testemunhos e têm aspecto residual; trata-se, assim, do que restou de outro tempo longínquo. Ademais, Nora evidencia que a memória é a história que já foi vivida e que permanece viva, renovando-se com o passar do tempo.

Os lugares de memória possibilitam a existência de um ritual a uma sociedade que Nora define como desritualizada. Assim, somente poderá ser

definido como lugar de memória um lugar que promova um ritual. O autor ressalta, ainda, que a sociedade necessita fazer ritos, já que estes têm o poder de definir os grupos por meio do autorreconhecimento e do autodiferenciamento. Os lugares de memória nascem vivem por meio do sentimento da ausência de uma memória espontânea, de modo que é preciso criar arquivos e fazer elogios fúnebres – processos que não são naturais, ou seja, que não acontecem sem esforço. É preciso, assim, existir uma “vontade de memória”, isto é, uma “intenção memorialista”.

“A memória se enraíza em algo concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto” (NORA, 1993, p. 09). Vale ressaltar, entretanto, que não se trata somente de um registro ou de um testemunho, já que uma das mais importantes características de um lugar de memória é que este é simultaneamente material, simbólico e funcional. Um depósito de arquivos que aparentemente é somente material, por exemplo, poderá ser um lugar de memória se tiver um simbolismo criado pela imaginação. Outro exemplo é o ato de um minuto de silêncio, que possui uma alta significação simbólica, mas também tem aspecto material já que representa uma parcela material que foi retirada de uma unidade temporal.

O lugar de memória é funcional, pois gera concomitantemente a cristalização e a transmissão da lembrança. Esse lugar bloqueia o esquecimento e torna material o que é imaterial, levando à cristalização da memória, isto é do passado. Em suma, são locais com aspectos imateriais ou materiais que abrigam a memória de uma sociedade ou de uma nação. Portanto, é nesses locais que os grupos se identificam e se reconhecem como grupo, o que promove a formação da identidade e a ideia de pertencimento.

Marc Augé (1994), no texto denominado “Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade”, argumenta que o conceito de não-lugares é contrário à noção socio-

lógica de lugar. O lugar é entendido por Mauss e por toda uma tradição etnológica como uma cultura que se localiza em determinado tempo e espaço. Já os não-lugares relacionam-se diretamente à circulação acelerada das pessoas e dos bens, como, por exemplo, trevos rodoviários, aeroportos, centros comerciais e campos de refugiados. Dessa forma, os não-lugares são entendidos como áreas passagens que tem como característica a impossibilidade de criar identidades. É preciso ressaltar, contudo, que lugares e não-lugares se misturam, dialogam e se opõem, de tal forma que a existência de um não elimina a existência do outro. Os não-lugares caracterizam a supermodernidade.³

Em oposição aos não-lugares, existe o termo “lugar antropológico”, que indica a construção concreta e simbólica do espaço. O lugar antropológico é simultaneamente o que promove o sentido para as pessoas que o habitam e o princípio que possibilita a compreensão para quem o observa, sendo, portanto, criador de identidade. O lugar antropológico possuiu três características relevantes: são identitários, relacionais e históricos. Um exemplo sobre o aspecto identitário é que, quando alguém nasce, nasce em um lugar que será denominado de residência, de forma que o lugar de nascimento constrói a identidade individual. Na África, por exemplo, quando uma criança nasce por acidente fora de sua aldeia, ela ganha um nome particular que se relaciona a algum elemento natural da paisagem em que nasceu. Assim, este lugar é criador de identidade ao estabelecer fronteiras entre o eu e o outro. Ademais, o lugar é necessariamente histórico, uma vez que foi construído por antepassados e que mostra a história nativa (não oficial).

O lugar antropológico está no extremo oposto dos lugares de memória definidos por Pierre Nora. Nos lugares

de memória, encontra-se a imagem de um passado, imagem essa que não corresponde ao que somos atualmente. De acordo com Augé (1994), os lugares de memória ocupam um lugar específico e circunscrito na sociedade atual. Já no caso de quem habita o lugar antropológico, este habitante vive na história. Assim, esse lugar é concebido como o lugar do vivido, da experiência e da vida prática. Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, logo um espaço que não pode se definir dessas três formas será um não-lugar. O autor defende que a supermodernidade produz não-lugares, espaços que não são lugares antropológicos e não são classificados como lugares antigos, já que estes últimos são classificados como “lugares de memória”.

Portanto, conclui-se que os não-lugares diferem do lugar antropológico e dos lugares de memória. Segundo Augé, o lugar de memória é diferente do lugar antropológico. É possível dizer, também, que os não-lugares podem ser definidos como lugares de não-memória, isto é, lugares sem identidade e sem memória. Os lugares antropológicos criam um social orgânico, enquanto que os não-lugares criam uma tensão solitária.

Le Goff (1990), em sua obra “História e Memória”, expõe que a memória possui como característica guardar algumas informações. Primeiramente, a memória relaciona-se a um conjunto de funções psíquicas que permite ao homem manter informações acerca do passado ou daquilo que como sendo algo passado. O estudo da memória envolve várias áreas, tais como a psicologia e a biologia, por exemplo.

A memória coletiva tem papel relevante nas lutas das forças sociais em busca pelo poder, já que os esquecimentos e os silêncios da história podem evidenciar uma manipulação da memória coletiva. Ao analisar esses argumentos de Le Goff (1990), é possível perceber que, para esse autor, a memória também é seletiva, o que significa que nem tudo

³ O termo supermodernidade (*surmodernité*) evidencia um distanciamento do termo pós-modernidade. Supermodernidade aborda e relaciona-se a um excesso. Augé destaca que o objeto da antropologia enquadra-se como a situação da supermodernidade (Bourguignon, 2013).

é lembrado e que alguns grupos manipulam o que deve ser lembrado de acordo com seus interesses. Logo, Le Goff (1990) concorda com Pollak (1989), pois ambos evidenciam a manipulação da memória que ocorre por meio do silenciamento de certos acontecimentos.

Para Pollak (1989), a denominada memória de enquadramento é evidenciada em objeto materiais, como, por exemplo, os monumentos e os museus. A memória é, assim, guardada nas pedras, nos vestígios arqueológicos, nas catedrais da Idade Média, dentre outros objetos. Quando as pessoas veem certos monumentos que fazem referência a um período passado, surgem sentimentos de pertencimento que remetem a significados que existiram em determinada época. É necessário lembrar, no entanto, conforme Pollak (1989), o aspecto destruidor, opressor e padronizador da memória de enquadramento, que é uma memória coletiva nacional que segrega e exclui as memórias subterrâneas. Isso ocorre por meio de uma imposição e do trabalho específico de enquadramento, o qual faz uma reinterpretação do passado.

Outro ponto a ser evidenciado é que Le Goff (1990) estabelece diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral, sociedades de memória essencialmente escrita e sociedades em fase de transição da memória oral para a escrita. Na maioria das culturas sem escrita e também em vários setores em que há cultura escrita, os elementos da memória são encontrados na vida cotidiana. Com o aparecimento da escrita, a memória coletiva se modificou, dando origem a vários tipos de memória. Um desses tipos é a comemoração, isto é, a celebração por meio de um monumento comemorativo. Sobre o monumento comemorativo, sabe-se que:

A pedra e o mármore serviam na maioria das vezes de suporte a uma sobrecarga de memória. Os “arquivos de pedra” acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um ca-

ráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea (LE GOFF, 1990, p. 432).

Ademais, Le Goff (1990) discorre sobre a manipulação da memória que é evidenciada nas comemorações para recordar a Revolução Francesa. Os massacres da Revolução ligados ao Terror são silenciados e retirados da memória coletiva ligada à “multiplicidade das vítimas”. Nesse sentido, Le Goff evidencia um pensamento semelhante ao de Pollak (1989), quando disserta acerca das memórias subterrâneas de grupos excluídos. Pollak refere-se ao esquecimento do sofrimento dos judeus durante o Nazismo, ao passo que Le Goff remete-se ao esquecimento do sofrimento das vítimas do Terror durante a Revolução Francesa.

Nos países escandinavos, a memória coletiva englobou a “memória popular”, uma vez que há os museus de folclore. Como manifestação relevante da memória coletiva no século XIX e XX, há a construção de monumentos aos mortos, o que gerou um novo tipo de comemoração relativa aos mortos. Nessa época, túmulos de soldados desconhecidos são criados, de tal modo que uma pessoa sem nome consegue pertencer à nação. Além disso, deve-se ressaltar que a fotografia influencia fortemente a memória, pois possibilita o arquivamento de imagens em ordem cronológica.

Le Goff (1990) lembra a definição que Nora (1991) deu à memória coletiva, definindo-a como “o que fica do passado no vivido dos grupos ou o que os grupos fazem do passado” (LE GOFF apud NORA), e evidencia que ainda hoje os termos memória e história se confundem. A história nova constrói uma história científica a partir da memória coletiva. Essa história nova se relaciona com o estudo dos “lugares” de memória coletiva, tais como bibliotecas, museus, lugares monumentais, cemitérios e arquiteturas. Esses lugares são compreendidos como memoriais e têm uma história. E os verdadeiros lu-

gares da história são onde se encontram os criadores e os denominados da memória coletiva, isto é, os Estados, meios sociais e políticos. São lugares que evocam o passado de forma a mantê-lo distante e como ponto de reflexão. Já os lugares de memória são pontos que se relacionam ao presente e são constantemente vivenciados no interior dos grupos. Portanto, desenvolve-se uma nova historiografia que estuda como a memória coletiva influencia e altera um fenômeno histórico que até então tinha sido analisado apenas pela história tradicional. A memória coletiva compreende a história oral e a história de vidas, na qual, normalmente, a história tradicional não se baseia muito.

A memória coletiva relaciona-se às grandes questões das sociedades desenvolvidas e das que estão em processo de desenvolvimento. A memória está ligada às classes dominantes e dominadas, isto é, classes que buscam e lutam pelo poder e pela vida, pela ascensão e pela sobrevivência no meio, sendo algo essencial e que constrói a identidade tanto coletiva como individual. Como os indivíduos da sociedade atual buscam cada vez mais a sua identidade, a memória acaba sendo, também, um objeto de poder. Le Goff (1990) defende que os profissionais que estudam a memória, isto é, antropólogos, historiadores, sociólogos, dentre outros, devem lutar pela democratização da memória social, uma vez que a memória coletiva deve promover a libertação do homem e não a sua servidão.

Por fim, ressalta-se que a memória coletiva tem dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. O monumento é uma herança do passado que possibilita manter a recordação, podendo ser uma escultura ou arquitetura que seja comemorativa, como, por exemplo, uma coluna, um troféu ou um arco de triunfo. Pode haver, também, o monumento funerário, que mantém a recordação de uma pessoa que já morreu.

Tendo isso em vista, Ariès (1977) realizou uma análise de como as so-

iedades ocidentais se posicionaram diante da morte desde o período da Idade Média. Ao fazer essa análise, Ariès apresentou quatro formas de lidar com a morte: a morte domesticada, a morte de si próprio, a morte do outro e a morte interdita. Acerca da morte de si próprio, pode-se dizer que sua ocorrência corresponde à metade da Idade Média (século XII ao XV). Essa concepção de morte continuou se desenvolvendo até o século XVIII. Ocorreu uma ligação entre três formas de pensar, são elas: a de juízo final que era algo extremamente individual, a do reconhecimento de que cada indivíduo tem sua própria biografia e a do apego às coisas e às pessoas que teve durante a vida. Por meio da morte, o homem desenvolveu mais consciência de si mesmo. O homem se reconhece por meio de sua morte. Quando fala sobre a morte do outro, o autor destaca que um novo ritual ganhava força desde o século XVII, que era a visita regular ao túmulo do morto, definindo o culto da lembrança, em que os túmulos dos heróis sociais se transformavam em monumentos. O culto aos mortos no século XX expressa patriotismo, configurando-se em uma festa em homenagem aos soldados mortos. Trata-se de um culto da lembrança ligado ao corpo e à aparência corporal, de modo que recordar torna o morto imortal.

3 Método

A metodologia utilizada neste estudo é a etnografia, que se caracteriza como uma pesquisa de campo que privilegia um estudo qualitativo. Será desenvolvido um estudo descritivo e interpretativo, levando à descrição das formas tumulares e à interpretação dos principais símbolos e túmulos encontrados. Malinowski (1976) apresenta-se como um dos primeiros a sistematizar o método etnográfico, evidenciando a questão de “viver entre os nativos” e de estar presente no local de estudo. Isso é realizado ao se visitar o cemitério mo-

numental, bem como a anotação de detalhes, enfatizada por Boas (2004).

Os procedimentos de pesquisa utilizados neste trabalho consistem na observação de campo, na entrevista e na pesquisa bibliográfica. Vale lembrar que ocorreram duas observações de campo no Dia de Finados, uma em 2011 e outra em 2012. Além dessas visitas, outras quatro visitas foram feitas com o objetivo de observar os símbolos funerários. Uma das visitas ocorreu em uma segunda-feira, dia que, por tradição, é dedicado às almas. Com isso, observações significantes foram executadas, bem como descrições das datas, das identificações e dos epitáfios presentes nos túmulos. Além disso, os túmulos foram fotografados para registrar os símbolos estudados e comparados posteriormente.

A entrevista foi direcionada aos funcionários do cemitério. É relevante compreender como pessoas que rotineiramente se deslocam no espaço do cemitério visualizam seu local de trabalho, visto que é um local diferenciado. A pesquisa bibliográfica, por sua vez, permitiu um estudo comparativo por meio da análise de obras que abordam o cemitério e seu aspecto social. Uma vez que diversas regiões brasileiras possuem o cemitério do tipo monumental, foi possível realizar comparações entre o cemitério Santo Antônio, da cidade de Vitória, Espírito Santo, com os cemitérios de outras localidades.

Deve-se ressaltar que a etnografia evidenciada neste artigo é parte de um trabalho etnográfico mais amplo que foi realizado no Dia de Finados e que engloba esse ritual e o cemitério. Sendo assim, este artigo se destina a apresentar uma parcela de um trabalho de campo realizado, o que não invalida a análise e o entendimento aqui discutidos.

4 Apresentação e discussão dos resultados

4.1 Breve histórico do cemitério: da antiguidade à contemporaneidade

Os cemitérios sofreram modificações profundas em sua organização espacial, em sua estética e em seus símbolos com o passar dos anos. Essas modificações derivam das concepções sobre a morte defendidas pelos grupos, de modo que é possível estabelecer relações entre as crenças sobre a morte e a forma como os corpos mortos são tratados. No período da antiguidade greco-romana, os túmulos eram individuais, possuíam inscrições e eram localizados em pontos distantes das cidades (normalmente, ficavam na beira das estradas). Essa prática sofreu alterações devido à consolidação do cristianismo, originando “[...]a tendência de aglomerar os defuntos nas proximidades dos lugares sagrados, como tumbas de santos e igrejas, na perspectiva do Juízo Final e da ressurreição dos corpos”.⁴ Na Idade Média, o cemitério existe vinculado à Igreja, os túmulos são coletivos, não há inscrições indicando os nomes nem localização exata do corpo. A cremação é vista de forma negativa pela Igreja Católica, pois ocorre a destruição total do corpo por meio do fogo. Deve-se evidenciar que a ação de enterrar o morto relaciona-se à crença da ressurreição do corpo. Os cemitérios medievais eram um espaço de socialização, visto que lá ocorriam festas, danças, namoros e feiras (Schmitt, 1999). Apesar de a Igreja tentar evitar esse tipo de comportamento da população no interior do cemitério, essas práticas continuaram existindo até o século XIX, quando questões higiênicas forçaram o afastamento dos cemitérios da vida cotidiana, de forma que estes foram transferidos para longe da cidade.

Segundo Ariès (1977), a partir da metade da Idade Média, isto é, do século XII ao XV, nasce a noção de morte de si mesmo devido à ligação entre três

⁴ FARGETTE-VISSIÈRE, Séverine. Os animados cemitérios medievais. *História Viva*. 67 ed, p. 48-52, maio, 2009, p.49.

formas de pensar: a de juízo final que era algo extremamente individual, a do reconhecimento de que cada indivíduo tem sua própria biografia e a do apego às coisas e às pessoas como que o indivíduo teve durante a vida. Baseado na noção de morte, o homem desenvolveu mais consciência de si próprio, reconhecendo-se por meio de sua morte. Assim, ocorre uma individualização, fazendo com que as sepulturas coletivas existentes na Igreja fossem lentamente sendo substituídas pelos túmulos individuais. No início da modernidade até o século XVIII, alguns cemitérios saem da Igreja e ganham um aspecto simples, os quais se relacionam, normalmente, às religiões protestantes.

Já no século XIX, prevalece o cemitério do tipo monumental, com esculturas que enfatizam sentimentos de luto e dor, em um momento em que a morte ganha um aspecto romântico e também dramático. Ocorre, portanto, um retorno ao modelo de cemitérios com túmulos individuais existentes na Antiguidade. Ao se individualizar um túmulo, a identidade do morto é mantida após sua morte, já que o túmulo e os monumentos transmitem as virtudes que o morto sustentou em vida. A noção de família é valorizada e fortificada no mármore e na pedra existentes no interior do cemitério, e os sobrenomes de famílias ricas são eternizados. É válido mencionar que, apesar de o cemitério se afastar espacialmente da Igreja, esse afastamento não foi completo, uma vez que é comum a existência de capelas no interior dos cemitérios monumentais.

Já na contemporaneidade, existe a crescente valorização dos cemitérios no estilo de parques e de jardins. Há, também, o surgimento dos cemitérios verticais, criados de forma discreta, não sendo ainda um modelo majoritário. Percebe-se a ausência de monumentos funerários, com poucas referências ao morto, constando apenas seu nome e ano de nascimento e falecimento. Vivencia-se o momento da morte interdita. Ariès

(1977) destaca que a morte agora é algo vergonhoso que deve desaparecer e ser escondido. Antes, desejava-se morrer em casa, no leito, ao redor da família e dos amigos próximos, realizando, dessa forma, um ritual fúnebre. A morte era pública, pois o momento final do doente era visto por um grande número de pessoas que moravam próximas. Agora, a morte ocorre nos hospitais de forma privada e não em público, já que somente alguns médicos acompanham esses momentos e que as emoções devem ser contidas e discretas: o luto não é algo expressado claramente. A visita ao túmulo torna-se menos frequente e a cremação aumenta, já que faz o corpo desaparecer mais rapidamente, impossibilitando a visitação e a peregrinação ao cemitério. Assim, a morte interdita caracteriza a morte que não se pode mencionar.

4.2 Cemitérios monumentais no Brasil

Acerca da história dos cemitérios monumentais no Brasil, pode-se destacar que, segundo Antônio Motta (2009), na segunda metade do século XIX, foram criadas políticas de salubridade que retiraram os cemitérios das Igrejas. A Igreja não detém mais o monopólio sobre a morte. Além das ideias de higienização das cidades, circulava nessa época a questão de acusar a Igreja de cuidar da alma e não fazer o mesmo com o corpo. Reis (1999) afirma que “uma organização civilizada do espaço urbano requeria que a morte fosse higienizada, sobretudo, que os mortos fossem expulsos de entre os vivos e segregados em cemitérios extra-muros”.⁵

Assim, os cemitérios foram instalados longe das cidades, o que caracterizou um processo de modernização e modificação do espaço urbano e enfraqueceu a convivência dos vivos com os mortos. Como agora os cemitérios estavam longe da Igreja, muitos túmulos criavam símbolos que existiam dentro

⁵ REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.247.

da Igreja a fim de copiar o espaço sagrado da Igreja no cemitério. Mesmo que no novo cemitério os símbolos religiosos estivessem presentes, a retirada dos mortos do espaço físico da Igreja iniciou um movimento de laicização da morte.

Os cemitérios oitocentistas possuem como principal característica a dramaticidade. Motta (2009) discorre sobre o corpo do morto e sobre como esse corpo é tratado no contexto social, analisando como é possível compreender significados sociais por meio do estudo dos objetos materiais presentes nos cemitérios. Os epitáfios e as estátuas evidenciam representações de mundo e de pessoa, trazendo à tona as modificações de um grupo ou de vários grupos.

Alguns segmentos burgueses do século XIX utilizaram o espaço do cemitério para estabelecer símbolos de individualidade dos membros da burguesia, de modo que o crescimento da burguesia é simbolizado nos monumentos grandiosos dos cemitérios. De acordo com Valladares (1972), a higienização não foi o único motivo da nova configuração do cemitério. A burguesia como classe emergente visava consolidar seu *status* e seu poder social. Os monumentos funerários representavam uma forma de eternizar o sobrenome e as realizações de determinadas famílias.

No cemitério de Nossa Senhora da Soledade⁶, construído em 1853, em Belém, existem túmulos levantados especificamente para os líderes da Cabanagem a fim de preservar a memória desse grupo em específico. Ademais, nos túmulos familiares, é expressa a vontade de unidade e de coesão de um grupo. Normalmente, é o sobrenome paterno que é utilizado ou, então, o nome completo do pai ou do marido, estabelecendo uma memória familiar.

⁶ É localizado no bairro de Batista Campos, na capital paraense. Foi tombado como patrimônio paisagístico nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1964. Epidemias, como febre amarela, varíola e cólera, mataram aproximadamente 30 mil pessoas, o que ocasionou a construção do cemitério em 1850-1853. (Essas informações históricas podem ser encontradas no site do Museu Emílio Goeldi: I Encontro Internacional de Arqueologia Amazônica. Realização do Museu Paraense Emílio Goeldi, de 2 a 5 de setembro de 2008, na Estação das Docas, em Belém. <http://www.diariodopara.com.br/impresao.php?idnot=1445>.

Deve-se destacar que “não é mais a alma que é indestrutível, porém, a família, o sobrenome” (RAGON, 1981, p. 102). Há também os esquecimentos e as seletividades na memória genealógica e familiar. Não são todos os que são recordados, já que apenas alguns antepassados com quem se tem certa identificação ou com quem se deseja criar identificação são lembrados. Apesar do afastamento inicial entre o cemitério e a cidade, estabelecendo uma cidade dos vivos e uma cidade dos mortos, isso não perdurou por muito tempo. A cidade expandiu-se de forma considerável, e, como consequência, o cemitério passou a integrar novamente o espaço urbano e a ter uma proximidade com os vivos.

4.3 Breve histórico do cemitério Santo Antônio, de Vitória, Espírito Santo

O espaço de pesquisa etnográfica deste trabalho foi o cemitério de Santo Antônio, localizado no bairro Santo Antônio, na cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo. Esse cemitério municipal foi construído no século XIX, período em que ocorreu a proibição de enterros nas Igrejas. Entretanto, o cemitério obteve notoriedade somente no século XX, provavelmente devido ao fato de sua localização longe da cidade tornar o acesso difícil e de os meios de transportes da época não favorecerem o deslocamento. O nome dado ao cemitério relaciona-se ao fato de o bairro se chamar Santo Antônio, o qual tem esse nome porque foi localizado por povoadores no dia 13 de junho, dia desse santo católico. Devido ao bairro ser afastado do centro de Vitória, essa região foi escolhida para receber vários cemitérios. Além do cemitério de Santo Antônio, lá se encontram, também, o cemitério da Irmandade de São Benedito do Rosário e o cemitério da Irmandade Boa Morte e Assunção.

No dia 1º de maio de 1912, o cemitério municipal Santo Antônio foi aberto pela Prefeitura de Vitória.⁷ O

⁷ Site da Prefeitura de Vitória com matéria sobre o cemitério. Disponível: http://www.vitoria.es.gov.br/sense.php?pagina=caracteristicas_santonio.

enterro acontecia por meio do uso do bonde, ou seja, de um carro que levava o caixão e as pessoas até o portão do cemitério. Nesse contexto, foi criado o bonde funerário, que possuía um carro principal, que levava os parentes e amigos do falecido, e um reboque, que levava o corpo do morto. A população denominava essa situação de “enterro de bonde”. Deve-se ressaltar que o serviço de bondes elétricos foi inaugurado em 1911, um ano antes da abertura do cemitério estudado. Uma das linhas do bonde unia o bairro Santo Antônio à região Suá.

Esse cemitério é destinado a velórios, sepultamentos e enterros de moradores da capital e de pessoas que são de outras cidades, mas que faleceram em Vitória. A localização dos jazigos estabelece o seu valor, de modo que, quanto melhor localizado, mais cara é a sepultura.

4.4 Túmulo: lugar de culto, memória e imortalidade

O cemitério caracteriza-se como um lugar de memória, uma vez que os símbolos em seu interior expressam a cultura, as crenças e os valores existentes no passado de vários grupos, destacando, assim, a memória coletiva. A memória individual está extremamente vinculada à memória coletiva, de forma que uma pessoa, ao lembrar o seu ente querido falecido, irá evocar uma série de pensamentos e sentimentos valorizados pela coletividade.

Compreende-se como símbolo os objetos que evocam e expressam conceitos, sentimentos, valores e crenças. São símbolos funerários todos os monumentos presentes em cima do túmulo, bem como as fotografias e os epitáfios. Os símbolos tumulares comunicam ideias e evidenciam as formas de lidar com a morte e com os mortos. Os símbolos funerários permitem cristalizar a lembrança dos papéis que algumas famílias desempenharam na economia da cidade de Vitória, podendo cristalizar variados tipos de lembrança ou manter

viva a lembrança dos mortos ilustres que realizaram mudanças políticas ou religiosas na cidade.

É de extrema importância compreender como os símbolos tumulares lembram o morto. A lápide é entendida como um arquivo de pedra. Há um registro da memória nos objetos funerários, de modo que os símbolos presentes no túmulo são disparadores da lembrança da individualidade do falecido e da sua história de vida. A lembrança que o túmulo promove possibilita estabelecer a imortalidade simbólica da pessoa falecida.

Os cemitérios monumentais foram feitos para serem visitados. No Dia de Finados, o túmulo é lugar de culto, e as pessoas acendem velas e deixam outros objetos sobre a lápide. Neste estudo, serão enfatizados os monumentos mais notórios desse cemitério.

Os túmulos que ficam no plano um são os mais bem localizados e representam vários períodos históricos, desde a criação do cemitério. Inicialmente, observaram-se os monumentos com simbologia cristã, ou seja, anjos, santos e cruz, que são a maioria. No túmulo, há a “prestitificação” do morto. Os mausoléus⁸ são representações da casa da família, do indivíduo, de capelas ou de igrejas. O espaço doméstico é reconstruído simbolicamente no cemitério. Sobre isso, Motta (2009) cita como exemplo o fato de que as casas antigas da Avenida Paulista já não existem mais, tendo sido substituídas por edifícios empresariais. No entanto, essas casas foram representadas no cemitério por meio de mausoléus, motivo pelo qual constituem, além de memórias familiares, memórias sociais, visto que retratam as características das casas antigas da cidade.

No cemitério de Santo Antônio, os túmulos de família apresentam grandes estátuas de santos, de Jesus e da sagrada família. Sobre a cruz, pode-se afirmar que é o símbolo mais presente, simbolizando

⁸ Mausoléu: tipo de construção funerária que se impõe por suas dimensões e/ou proporções avantajadas; monumento funerário suntuoso que guarda os despojos de um ou mais membros da mesma família. (Etimologia: do latim *mausoleum*.i e do grego *mausoleion*) (Dicionário *on-line* de Português).

a morte e o sofrimento de Jesus em sua morte. O tipo de cemitério relaciona-se muito com a religião predominante. Percebe-se a presença dos denominados “mortos ilustres”, que adquirem mais importância, pois eram políticos. Os monumentos dedicados a eles evocam um culto patriótico, estabelecendo uma identidade e memória nacionais. Há, também, o mártir nacional que morreu servindo a nação. Nesse ponto, vale lembrar-se, conforme Le Goff (1990), dos mártires religiosos que tinham os seus túmulos colocados no centro da Igreja.

O tipo de morte relaciona-se com a escolha de determinados monumentos e símbolos tumulares. Quando se trata de uma morte súbita e violenta, por exemplo, os símbolos são mais dramáticos. No caso da morte de uma criança, as representações mais comuns nos túmulos são os anjos em tamanho pequeno, pois se acredita que as crianças sejam anjinhos, uma vez que são mais puras e conquistam mais rapidamente o céu. Os anjos normalmente são representados fazendo sinal de oração ou expressando o sentimento de desolação, com o rosto voltado para o chão. Quando não há estátua de anjo, Motta (2009) explica que aparecem representações de crianças em atividades rotineiras, como, estudar, brincar ou interagir com os irmãos. Um caso expressivo do cemitério de Santo António é o túmulo de Fernandinho de 1987 (Figura 1).



Figura 1- Túmulo de Fernandinho
Fonte: Foto produzida pela autora deste artigo.

Durante uma entrevista com uma antiga funcionária do cemitério, foi re-

latado que esse túmulo recebia muitas visitas durante todo o ano e que as pessoas pediam ajuda para o morto. A entrevistada disse que não acreditava que o morto pudesse, de fato, realizar milagres, embora os visitantes relatassem tal façanha. O túmulo de Fernandinho, que é branco, recebe limpeza constantemente devido ao número de doces que ali são depositados. O objetivo dessas oferendas é a obtenção de graças. No Dia de Finados, poucas balas foram encontradas. Contudo, em uma visita realizada durante uma segunda-feira, que é popularmente considerada o dia das almas, o túmulo de Fernandinho estava repleto de doces. Tal observação permite constatar que ocorre um sistema de trocas entre o morto e os vivos.

Há, também, o túmulo da Cigana (Figura 2), que é simples, mas pintado de amarelo, uma cor que o diferencia de todos os outros túmulos.



Figura 2 - Túmulo da Cigana
Fonte: Foto produzida pela autora deste artigo.

A Cigana também é responsável por realizar milagres. Em seu túmulo, são ofertadas velas, cigarros, moedas, bijuterias, maquiagens, rosas vermelhas, espumantes e copos de água. Quando uma graça é alcançada, as pessoas colocam uma pequena placa de pedra com as iniciais do seu nome e com o comunicado de que conquistaram a graça. Uma vez que o túmulo da Cigana apresenta outro tipo de ritual, alguns participantes do ritual de Finados não a consideram uma santa. Na obra “Pequenas Romarias para pequenos santos - um estudo sociográfico sobre o Dia de Finados”, o autor menciona que

os mortos são santificados por meio de cultos que não se aplicam à Cigana, isto é, que são pertencentes ao catolicismo popular. Tais dados foram recolhidos em outra pesquisa de campo, realizada também neste cemitério. O estudo abordava especialmente o ritual de Finados.

No cemitério de Santo Antônio, três túmulos evidenciaram a questão de oferendas para conseguir um milagre. Além do túmulo de Fernandinho e da Cigana, há o túmulo que possui o símbolo de um navio e que data de 1945. Os objetos encontrados em cima dessa lápide foram: lata de cerveja vazia, pontas de cigarros acessos, pequenos barquinhos de papel, terços e velas.

Percebe-se que a existência dos túmulos e dos monumentos evoca a construção de rituais. A comunicação entre os vivos e os mortos tem como mediador principal a existência da lápide, de modo que o cemitério monumental evoca a lembrança.

Outro monumento de destaque devido ao seu tamanho é uma estátua com o rosto do morto e de um anjo desolado ao seu lado (Figura 3). Essa estátua apresenta um homem jovem e com aspecto triunfante. Dessa maneira, pode-se perceber, também, uma exaltação da juventude, da individualidade, da não decomposição e da solidificação no tempo.



Figura 3 - Estátua de um anjo e de um homem
Fonte: Foto produzida pela autora deste artigo.

Vale apontar, ainda, o caso do túmulo de um atleta, em que há uma foto sua retratando o momento em que conquistou um prêmio. Esse túmulo é bastante ilustrativo do modo como a

memória é construída, pois evidencia a valorização das conquistas que o morto realizou. A lembrança evocada pela foto que remete a uma vitória profissional enfatiza a ideia da conservação e da não decomposição. Essa foto é muito anterior ao momento da morte da pessoa, evidenciando o desejo de conservar uma imagem bastante viva do falecido. No início do século XX, os túmulos individuais ganham mais notoriedade, e as virtudes pessoais são mais valorizadas. Existem os epitáfios autobiográficos, em que o morto é lembrado de acordo com suas realizações e com os cargos de poder que tiveram em vida.

A fotografia mortuária, isto é, a foto retirada após a morte, era uma forma de lembrar o morto. Atualmente, entretanto, as formas de recordação não evocam em nenhum momento a ideia de morte. Um exemplo que pode ser citado é o que Koury (2001) chama de santinhos, isto é, os cartões de lembrança do morto que são entregues na missa de 7º dia e que contêm a foto do morto quando estava vivo e saudável. Assim, é evocada a lembrança do morto como se este fosse vivo. Nos cemitérios, a foto que mostra o morto de forma saudável e feliz não é mais utilizada. Agora, a foto, por lembrar, traz a dor e a dor não deve ser expressa. Koury (2001) expõe que a fotografia mortuária era uma forma de lembrar o morto e mostrar o seu prestígio social, constituindo, assim, a memória familiar e social.

A presença notória da escultura *Pietà* (Figura 4) denota a relevância dos símbolos religiosos. O termo *Pietà* deriva do italiano e designa piedade; representa a Virgem Maria abraçando Jesus após este ser crucificado. Tem sua origem durante a Idade Média na forma de pintura e escultura. A versão mais famosa dessa obra foi produzida por Michelangelo Buonarroti no período renascentista. A obra evoca tranquilidade e aceitação perante a morte de um filho. Portanto, é uma imagem que incentiva a fé e consola os que tiveram seus entes

queridos mortos. No cemitério Santo Antônio, há um túmulo que possui uma placa de bronze com o registro de todos os cargos públicos de poder ocupados em vida, evocando a identidade e a valorização da biografia individual e do *status*. Exemplos como esses são comuns no cemitério. Existe, também, em outro túmulo, a menção ao cargo de desembargador ocupado pela pessoa, o que caracteriza a distinção social do morto e o desejo de eternizar sua identidade.



Figura 4 – Monumento *Pietà*
Fonte: Foto produzida pela autora deste artigo.

Ademais, a fluidez do tempo é interrompida no cemitério, em que os epitáfios, por exemplo, remetem a lembranças e saudades eternas, enfatizando a infinita existência do morto. Além disso, a solidez das pedras das sepulturas, fazendo com que durem por muito tempo, representa, segundo José Carlos Rodrigues (1983), a metáfora de vida eterna. Os túmulos no cemitério criam a ilusão de que o passado se encontra no presente, buscando evidenciar o conceito de eternidade e não de morte como ruptura.

Os grupos definem o que deve ser lembrado, pois a memória tem um caráter seletivo. As pessoas que desempenharam papéis sociais dominantes e de destaque na sociedade capixaba têm túmulos grandiosos. As famílias de origem árabe possuem vários túmulos com monumentos expressivos, evidenciando suas posições na sociedade. Os grupos também estabelecem quais são os lugares em que a lembrança se encontra. Surgem, assim, memórias subterrâneas

que são excluídas e marginalizadas, não sendo consideradas como pertencentes à memória coletiva. Em outros planos do cemitério, muitos túmulos estão abandonados, não havendo nenhum registro na lápide que indique o nome e a data de falecimento nem a presença de qualquer tipo de símbolo.

É possível afirmar, então, que, antigamente, lembrar a vida e a alma do morto na visita ao cemitério era algo mais positivo e aceito. Apesar disso, a tentativa de estabelecer uma imortalidade simbólica por meio de objetos funerários já destacava o início do desenvolvimento da noção contemporânea de negar a morte de maneira mais intensa e radical. Agora, não se deve lembrar a vida de quem já morreu, de modo que não é mais aceito mencionar o nome dos mortos ou utilizar objetos funerários que remetam à história de vida do falecido.

4.5 Os símbolos do cemitério atual e seus significados

No cemitério, encontram-se a memória coletiva de um passado distante e, também, de um passado mais recente. Atualmente, observa-se que as construções tumulares no cemitério de Santo Antônio são mais simples. O mais relevante é ter o nome e a data na lápide. Diminuiu o uso de monumentos para, no máximo, uma cruz. Os túmulos não são mais pretos, devido à associação desta cor com o luto. As principais cores vistas foram: alaranjado bem claro e cinza. As fotos do morto também são raríssimas, assim como os epitáfios. Os túmulos também são mais baixos, adquirindo um aspecto discreto. No século XXI, não ocorre de forma notória a eternização da pessoa por meio de seu túmulo, motivo pelo qual o uso dos monumentos funerários enfraquece, levando à simplificação dos túmulos. Além disso, o número de cemitérios chamados de jardim ou parque cresce. Esse modelo de cemitério se originou nos Estados Unidos, país em que o dia dois de

novembro não é atrelado aos mortos nem comemorado, como ocorre no Brasil.

O cemitério com monumentos é uma forma de negar a morte e afirmar a vida. A simplificação e até mesmo a inexistência de símbolos tumulares representa também outra forma de negação ou ocultação do morto e da sua morte. Tal ausência ocorre, pois as concepções que valorizam o corpo jovem se intensificaram. Já no século XIX, havia um apego ao corpo, de modo que, quando alguém morria, essa pessoa era lembrada por meio de sua alma, que é eterna, e também da cristalização do tempo. Assim, ao lembrar o período em que a pessoa estava viva, o tempo é paralisado por meio dos símbolos no túmulo, os quais enfatizam que o tempo não passou após a morte da pessoa. Desse ponto de vista, o corpo deve ser guardado, o qual será lembrado sempre que for visitado e tiver sua história de vida comemorada.

Agora, nada deve lembrar o corpo do falecido, já que fazer isso seria pensar na sua deterioração. Ocorre, assim, uma negação mais intensa do fim da vida física, juntamente com o enfraquecimento das explicações religiosas acerca da continuação da vida no mundo espiritual. A morte passa a ser um fim; por isso, é preciso que sua negação seja mais intensa e expressiva. Devido a isso, a cremação vem se fortalecendo. Nesse contexto, os cemitérios do tipo jardim apresentam essa ideia de ausência de morte, em um espaço em que tudo nega a condição em que o corpo morto se encontra. Nesse espaço, também não existe destaque para símbolos religiosos.

Nos cemitérios parques, por sua vez, não há diferenciação entre um morto e outro. Existe somente uma pedra branca com o nome e as datas de nascimento e falecimento. Essa igualdade na forma de representar os mortos promove a noção de massificação, não cedendo espaço para identidades. Se não há símbolos para lembrar o morto, uma pessoa, quando visita esse tipo de cemitério, constrói sua lembrança ba-

seada somente na localização do corpo. A lembrança é assim atenuada.

Vale mencionar, por fim, que o foco deste trabalho foi estudar um cemitério monumental. Apesar desses monumentos não serem mais construídos atualmente, o cemitério de Santo Antônio é conhecido justamente pelos seus monumentos, isto é, pela manutenção do modelo tradicional.

5 Considerações finais

A morte sempre foi um fato negado, de modo que, em diferentes contextos culturais, surgiram diversas explicações sobre esse acontecimento. Esta pesquisa possibilitou a compreensão de três maneiras de lidar com a morte, que surgiram em três períodos históricos distintos. Inicialmente, na Idade Média, existia uma fraca negação da morte, uma vez que a explicação religiosa tratava a morte como uma continuidade da vida. As pessoas não eram apegadas ao corpo e valorizavam, de forma extrema, a alma. Viviam cotidianamente no espaço em que os mortos estavam enterrados. Nessa época, não havia localização exata para cada cadáver, e os ossos eram misturados.

A partir do século XVIII, surge uma segunda forma de lidar com a morte e, conseqüentemente, com os mortos. Nesse período, inicia-se uma negação da morte mais forte. As pessoas começam a ter mais apego à vida terrena, de modo que o aspecto materialista ganha destaque e o corpo passa a ser mais valorizado. Apesar disso, a antiga ideia de valorização da alma permanece. Surgem os cemitérios monumentais, uma vez que o monumento apaga o pensamento de que o corpo faleceu. A imortalidade do homem é conquistada por meio da existência dos monumentos. Nega-se a morte com base na imortalidade simbólica, que consiste em manter o morto vivo por meio do uso de símbolos tumulares que retratam sua individualidade, bem como do culto à vida

terrena que o falecido teve.

Depois, surge a terceira ideia a partir, aproximadamente, do século XX. A morte é, então, radicalmente negada e marginalizada. Há o extremo apego ao corpo e à valorização do presente. Isso enfraquece a noção de vida após a morte, levando a uma rejeição da ideia de imortalidade da alma. Não se deve lembrar que o corpo físico teve um fim. Não é suportável nenhuma lembrança do morto nem de sua alma ou de sua vida por meio dos símbolos funerários. Surgem, assim, cemitérios mais simples sem o uso de monumentos.

Em resumo, pode-se dizer que, na Idade Média, houve menos apego ao corpo e mais valorização da alma. A partir do século XVIII, ocorre maior apego ao corpo e permanece a valorização da alma. Já a partir do século XX, percebe-se o demorado apego ao corpo e a menor valorização da alma e da vida no plano espiritual, caracterizando-se como o extremo oposto da concepção medieval de morte. No cemitério monumental de Santo Antônio, em Vitória, Espírito Santo, coexistem essas três formas de entender a morte.

As relações entre os vivos e os mortos estão se modificando, causando uma mudança nas formas de enterrar o morto e nos objetos funerários usados. A morte e o moribundo agora se relacionam à economia de mercado e aos hospitais. Nas sociedades tradicionais, a morte era tratada de forma mais familiar. Antigamente, as estruturas e explicações religiosas estavam mais fortemente presentes, ao passo que hoje prevalecem explicações científicas de uma sociedade mais materialista e que valoriza o tempo presente e a vida no aqui e agora. Por meio do estudo da memória em relação ao morto foi possível perceber as mudanças no pensamento social.

Motta (2009) discorre acerca do surgimento de novos espaços cimiteriais, em que não há referências explícitas ao morto ou à morte, já que esses temas são apagados. Na contempora-

neidade, surge uma nova forma de negar a morte que acontece por meio da ausência da lembrança, o que significa que não se deve falar do morto ou da morte. Vale afirmar, ainda, que a ausência de lembrança é incompatível com qualquer recordação sobre a alma e a vida do falecido. A morte atual é silenciosa, de modo que as pessoas morrem sem grandes cerimônias e sem alarde.

Há uma incompatibilidade entre os valores da economia industrial e a aceitação da morte. A morte opõe-se à ideia de acumulação de bens e do constante progresso. A morte atualmente na sociedade industrial é considerada como algo pornográfico. Essa expressão foi utilizada por Geoffrey Gorer (1955) na obra "The pornography of death". O tabu do sexo foi vencido, mas foi substituído pelo tabu da morte. O receio em falar da morte e de criar símbolos que falem do morto é percebido na nova forma de construir os cemitérios. Estes agora são chamados de parques ou jardins e possuem uma estética que não estimula a lembrança. A nova organização do espaço do cemitério contribui para anular e afastar a ideia de morte.

Atualmente, a negação da morte é tão radical que não se pode mencionar seu nome: dizer algo sobre ela já é lembrar e toda lembrança deve ser anulada. Perde-se aos poucos a explicação religiosa da permanência da alma após a morte e da continuidade da vida. Enfraquecendo esse tipo de explicação religiosa, a morte parece mesmo ser um fim.

Como se trata de um processo, ou seja, de algo que está acontecendo, não é possível definir toda a amplitude e as formas desse movimento. Apesar disso, este trabalho destaca o aparecimento de determinadas ideias sobre a morte, sem ser possível apontar se tais noções terão continuidade e qual será seu desfecho.

O cemitério monumental configura-se como um lugar de mortos, mas que, na verdade, evoca a lembrança de vidas. A morte apresenta um reflexo da forma de enxergar o mundo. Pensar

sobre a morte e os seus sentidos é, na realidade, pensar sobre a vida. Enfim, o cemitério monumental e tradicional de Santo Antônio oculta e nega a morte, enaltecendo a vida. Uma forma de negar a morte é por meio da lembrança das realizações do morto ou da ausência da lembrança. Normalmente, as pessoas argumentam que visitar o cemitério no Dia dos Mortos e em outras datas significa lembrar a morte, mas a morte nunca é lembrada, nunca é celebrada. A visita ao cemitério é responsável por desenvolver a lembrança, e tudo que é lembrado se mantém vivo no meio social. Portanto, a memória mantém o morto vivo. Dessa forma, ir ao cemitério e lembrar-se dos mortos como sendo seres vivos faz a vida ser comemorada, exaltando a ideia de continuidade.

Referências

1. ABREU, J. G. **Arte Pública e Lugares de Memória**. Revista da faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Patrimônio. p. 215-234. Vol. IV. N° 7, setembro de 2005. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4944.pdf> Acesso em: dez/2012.
2. ALMEIDA, M. das G. **Cemitério história, memória e patrimônio** - um debate sobre Educação Patrimonial. Disponível: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/patrimoniocultural/arquivos/files/texto_6.pdf>. Acesso em: jun/2012
3. ARAÚJO, M. das G. F. de. **Pequenas romarias para pequenos santos, um estudo sociográfico sobre o Dia de Finados**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), PUC-Minas, Belo Horizonte, 2009.
4. ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente: Da Idade Média aos nossos dias**. Trad. Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
5. BASTIANELLO, E. M. T. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)**. Dissertação (Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural) Universidade Federal de Pelotas. Maio de 2010.
6. BATISTA, H. S. de A. **Assim na morte como na vida: arte e sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915)**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.
7. BOAS, F. **“Os métodos da etnologia”** In Castro, Celso (org.) 2004. Franz Boas, Antropologia Cultural. Rio de Janeiro: Joge Zahar Ed.
8. BORGES, M. E. **Arte Funerária: apropriação da Pietá pelos marmoristas e escultores contemporâneos**. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, v. XXIII, n. 2, p. 15-28, 1997.
9. BOURGUIGNON, C. P. dos S. **“Não - Lugares”**: uma resenha do livro do Marc Augé. *Revista Destarte*, v.3, n.1, 2013.
10. CARNEIRO, M. **Construções tumultuares e representações de alteridade: Materialidade e simbolismo no cemitério São José, Ponta Grossa/ PR/ BR 1881-2011.165 p.** Dissertações (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2012.
11. CATROGA, F. **O céu da memória: cemitério romântico e memória**. Coimbra: Minerva, 1999.
12. _____. A cremação na época contemporânea e dessacralização da morte: o caso português. **Revista de História das Ideias**, Coimbra, 8, 1990.
13. DICIONÁRIO ONLNE DE PORTUGUÊS. **Significado de Mausoléu**. Disponível em <http://www.dicio.com.br/mausoleu/> Acesso em: jul./2014
14. LEGADO DE VITÓRIA. **Fotos antigas do cemitério Santo Antônio**.

- Disponível: http://legado.vitoria.es.gov.br/baiadevitoria/script/resultado.asp%C2%BFtipo=local&p_arquivo=&local=Santo+Ant%C3%B4nio.html Acesso em: jan./2013
15. FRANCO, M. da C. V. **A morte conta a vida: os cemitérios como lugar de memória na antiga Macaé, entre 1855 e 1910.** XIII Encontro de História-Anpuh- Rio. Disponível: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212694327_ARQUIVO_Amortecontaavida-MariadaConceicaoVilela-Franco.pdf. Acesso em: fev./ 2012.
16. FREITAS, E. T. M. **Memória, ritos funerários e canonizações populares em dois cemitérios no Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia), UFRJ, 2006. Disponível em: http://teses.ufjf.br/IFCS_D/ElianeTaniaMartinsDeFreitas.pdf. Acesso em: maio/2012.
17. GORER, G. **“The Pornography of Death”.** Death, Grief and Mourning Garden City, New York: Doubleday, 1965, pps. 192-199.
18. HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** 197 p. traduções, Laís Teles Benoit, São Paulo: Centauro, 2004.
19. HIPÓLITO, P. **Uma Breve História dos Cemitérios.** Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=148> Acesso em: jul./2012.
20. KOURY, M. G. P. **Você fotografa os seus mortos?** In: KOURY, Mauro (org.) **Imagem e Memória: ensaios em Antropologia Visual.** Rio de Janeiro: Garamond, 2001: 51-94.
21. _____. **O Imaginário Urbano sobre Fotografia e Morte em Belo Horizonte, MG, nos Anos Finais do Século XX.** Dossiê: Fotografia e Cultura(s) Urbanas. *Varia hist.* vol.22, n°.35 Belo Horizonte Jan/Junho 2006.
22. LE GOFF, J. **História e Memória.** Tradução Bernardo Leitão. 353p Campinas, SP: Editora da UNICAMP, (Co-leção Repertórios), 1990.
23. LEITE, M. **Morte e Fotografia.** In: KOURY, Mauro (org.). **Imagem e Memória: Ensaios em Antropologia Visual.** Rio de Janeiro: Garamond, 2001: 41-50.
24. LIMA, T. A. **De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais)** 128 folhas. In: *Anais do museu Paulista.* São Paulo. N. Ser. Vol.2, no1, p. 87-150, jan./dez. 1994.
25. MALINOWSKI, B. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental.** Malinowski, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
26. MARQUES, R. B. **Quando as pedras discursam e o pesquisador ouve.** *Revista Inter legere.* Janeiro a junho de 2013. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/12/pdf/le02.pdf>. Acesso em: jan./2013.
27. MOTTA, A. **Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios Brasileiros oitocentistas.** Universidade Federal de Pernambuco-Brasil. Horizontes. *Antropológicos*, vol. 16 n.33, Porto Alegre 2010.
28. _____. **Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros.** *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol.24, n°. 71, outubro de 2009.
29. NEVES, O. **Dicionário da Origem das Palavras.** Edição: 2001. Editor: Editorial Notícias. p. 230.
30. NORA, P. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** Projeto História, *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP.* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo: n°. 10, p. 07-28, dez. 1993 [1991].
31. OLIVEIRA, L. G. **Da inscrição ao apagamento: memória e morte.** *Revista*

- MEMENTO- Revista do Mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR, v. 1, n. 1, jan.-jun. 2009. Acesso em: nov./2011. Disponível em: <http://revistas.unincor.br/index.php/memento/article/view/36>.
32. PREFEITURA DE VITÓRIA. **Cemitério de Santo Antônio foi criado em 1912**. Disponível em: http://www.vitoria.es.gov.br/semse.php?pagina=-caracteristicas_santonio. Acesso em: dez/2011.
33. PALMAS, S. R.; SILVEIRA, D. D. **A Saudade ecologicamente correta: A educação ambiental e os problemas ambientais em cemitérios**. Santa Maria, RS. Monografia apresentada ao Curso de Educação Ambiental, UFSM, 2010.
34. RODRIGUES, J. C. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 296, p. 1983.
35. SANTOS, A. R. dos. **Cemitérios Seridoenses: culto e memória**. Revista inter-legere, n.º. 09. Acesso em: novembro/2011. Disponível: <http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/09/pdf/09dt03.pdf>.
36. SANTOS, S. J. dos. **A arte cimiterial como fator de distinção e eternização do status social no cemitério São Francisco de Paula**. 7º Seminário de Pesquisa em Artes da Faculdade de Artes do Paraná. Anais Eletrônicos. Disponível em: http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Comunicacao_2012/Publicacoes/7_Seminario_Pesquisa_Artes/7SeminarioPesquisaArtes_AnaisEletronicos_Art31.pdf. Acesso em: dez./2012.
37. SCHMITT, J. C. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Trad.: Maria Lucia Machado. 300p. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
38. SOUZA, D. C. de. **Arte tumular: uma expressão social por meio dos signos da morte**. Acesso: dezembro/2012. Disponível: [http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCL/pro-](http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCL/pro-jeto_todasasletras/inicie/DeniseSouza.pdf)
39. TIMPANARO, M. **A morte como memória: imigrantes nos cemitérios da Consolação e do Brás**. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.
40. VALLADARES, C. do P. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros: um estudo da arte cimiterial ocorrida no Brasil desde as sepulturas de igrejas e as catacumbas de ordem e confrarias até as necrópoles secularizadas**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura/ MEC, 1972.